

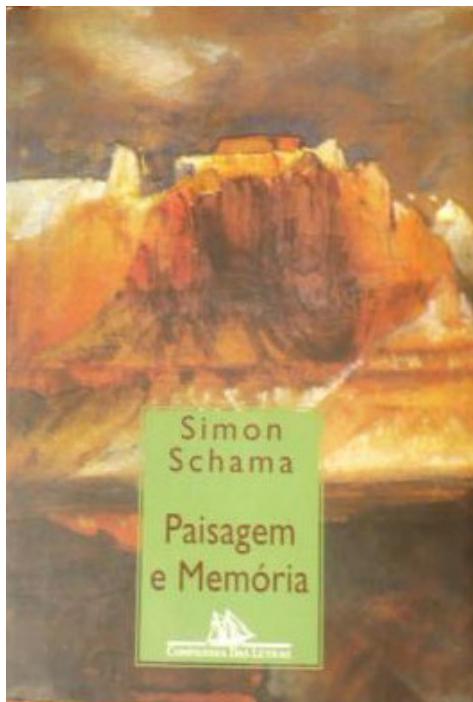
**RESENHA DO LIVRO DE SIMON SCHAMA. PAISAGEM E MEMÓRIA.  
São Paulo: Companhia das letras, 1996.**

Book Review of Stuart Elden de Simon Schama. Landscape and Memory.

Reseña del Libro de Simon Schama. Paisaje y Memoria.

**FLORA SOUSA PIDNER (BR)**

Mestre Em Geografia Pela Universidade Federal De Minas Gerai (Ufmg)  
Doutoranda Do Programa De Pós-Graduação Em Geografia Pela Universidade Federal Da Bahia (Ufba).  
Integrante Do Grupo De Pesquisa Produção Do Espaço Urbano(Peu) Da Ufba.  
Bolsista da Capes orientada pela professora Dra. Maria Auxiliadora da Silva  
Email E Floraspidner@Gmail.com.



## Resumo

A resenha elaborada refere-se à obra *Paisagem e Memória* do historiador Simon Schama. O livro amplia o diálogo entre Geografia, História e Arte e contribui para as reflexões acerca da memória social e política projetada sobre as paisagens. O autor aborda as apropriações das paisagens (“mata”, “água” e “rocha”) em diversos exemplos históricos, sobretudo os que se referem à construção de nacionalidades como a lituana, a alemã, a inglesa, a italiana e a estadunidense.

Palavras-chave: Paisagem, nacionalidade, memória.

## Abstract

The elaborated book review refers to the publication "*Landscape and Memory*" written by the British historian Simon Schama. The book expands the dialogue among Geography, History and Art; and it contributes to the discussions concerning the social and political memories that are projected upon landscapes. The author expresses the appropriation of landscapes ("forest", "water" and "rock") in various historical examples, especially, those which relates to the construction of nationalities as the Lithuanian, German, English, Italian and North-American.

Keywords: Landscape, Nationality, Memory.

## Resumen

La reseña elaborada se refiere a la obra *Paisaje y Memoria* del historiador Simon Schama. El libro amplía el diálogo entre la Geografía, la Historia y el Arte y contribuye para las reflexiones respecto a la memoria social y política proyectada sobre los paisajes. El autor aborda las apropiaciones de los paisajes (“mata”, “agua” y “roca”) en diversos ejemplos históricos, sobre todo los que se refieren a la construcción de nacionalidades como la lituana, la alemana, la inglesa, la italiana y la estadounidense.

Palabras-clave: Paisaje, nacionalidad, memoria.



*Paisagem e memória*, por seu título, já é um convite à leitura para os geógrafos. Trata-se de um livro enriquecedor no que tange ao diálogo entre Geografia, História e Arte. O livro articula temáticas próprias das interpretações construídas pela Geografia ao longo da história do pensamento geográfico, sobretudo acerca das temporalidades da paisagem e da construção simbólica da nacionalidade a partir da interpretação da paisagem.

Inglês e descendente de judeus lituanos, atualmente, Simon Schama mora nos EUA e leciona História e História da Arte na Universidade de Columbia. Também elabora e apresenta séries/documentários para a BBC de Londres. Em sua concepção, a atuação do historiador e do jornalista é muito próxima, pois, para ele, o historiador tem como missão a popularização da história e, também por isso, não se considera um cientista social convencional e sim um contador de história<sup>1</sup>.

No livro *Paisagem e Memória*, Schama (1996) constrói uma argumentação rica em detalhes históricos e culturais, que são justapostos às paisagens, além de explorar a história de vida de uma infinidade de personalidades da política e das artes, revelando seu grande conhecimento para fundamentar a afirmação de que “paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha” (SCHAMA, 1996, p.70). Na contracapa do livro, essa afirmação é ampliada: “uma árvore nunca é apenas uma árvore. A natureza não é algo anterior à cultura e independente da história de cada povo. Em cada árvore, cada rio, cada pedra, estão depositados séculos de memória”. Tal afirmação também justifica o título da obra.

Dessa forma, o objetivo é descrever os usos, as apropriações e as representações simbólicas da paisagem, para além da estética e da técnica, mas também mediada pela técnica e pela estética,

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida Revista de História. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/simon-schama>. Acessada em 25/09/2013.



ou seja, a natureza já experimentada como objeto cultural. Seguindo essa proposição, o autor também afirma que “[...] a natureza selvagem não demarca a si mesma, não se nomeia [...] Tampouco a natureza selvagem venera a si mesma” (SCHAMA, 1996, p.17). Essa perspectiva nos convida a refletirmos sobre expressões utilizadas de forma corriqueira no senso comum e na mídia, mas que também aparece na ciência em geral e na Geografia, em particular, tais como “desastre natural”, “fronteira natural” e, sobretudo, “paisagem natural”.

A paisagem é explorada pelo autor como um texto elaborado por uma tessitura cultural e histórica e que pode ser lida, descrita, interpretada e representada. Schama (1996) sublinha a construção das identidades nacionais, que “perderia[m] muito de seu fascínio feroz sem a mística de uma tradição paisagística particular: sua topografia mapeada, elaborada e enriquecida como terra natal” (SCHAMA, 1996, p.26). Alguns autores do campo da Nova Geografia Cultural são citados como grandes contribuintes dessa temática que engloba a paisagem na criação do que o autor denomina mitologias nacionais, como Denis Cosgrove e Stephen Daniels.

A paisagem é preenchida ideologicamente por significados identitários e simbólicos da nacionalidade, muitas vezes construídos e reproduzidos pela literatura e pela pintura, que acabam por alimentar os imaginários sociais, ao mesmo tempo em que se alimentam destes. Essas linguagens artísticas estão presentes de forma vigorosa no livro, com objetivo de reafirmar a descrição histórico-cultural construída acerca da memória nacional projetada na paisagem.

Na introdução, o autor também esclarece que “Paisagem e memória não foi concebido como um consolo fácil para o desastre ecológico” (p.29), justificando a relevância da obra que, “se demonstrar que, ao longo dos séculos, se formaram hábitos culturais que nos levaram a estabelecer com a natureza uma relação outra que não a de simplesmente esgotá-la até a morte, que o remédio



para os nossos males pode vir de dentro do nosso universo mental comum” (SCHAMA, 1996, p.29), ele estará satisfeito.

Os procedimentos metodológicos são abordados na introdução e Schama (1996, p.35) defende que além de chegar ao passado através de textos, o pesquisador precisa “vivenciar um local, usar o ‘arquivo dos pés’”. No livro, são relatadas algumas viagens realizadas por ele como a expedição que fez pela mata lituana-polonesa, onde busca, também, a memória de sua própria família. Na Geografia, esse procedimento metodológico defendido por Schama é frequentemente utilizado e também é objeto de reflexões teórico-metodológicas por parte de vários pensadores geógrafos: o trabalho de campo.

A organização dos capítulos para a construção dos argumentos do livro é explicitada: “cada um dos capítulos que se seguem deve ser visto como uma escavação, começando pelo conhecido, pelas camadas de lembranças e representações, até tocar a base da rocha, que se formou há séculos ou até milênios e voltando à superfície, à luz do conhecimento contemporâneo” (SCHAMA, 1996, p.27). Compreende-se, assim, a divisão e a sequência do livro em “mata”, “água” e “rocha” e depois a reunião desses três na última parte. Ressalta-se que o termo “mata” (*wood*) refere-se a um conjunto paisagístico e que “água” (*water*) e “rocha” (*rock*) são elementos isolados da paisagem. Entretanto, mesmo nomeando as partes do livro dessa forma, o autor explora a água e a rocha em conjuntos paisagísticos e não isoladamente, como os títulos sugerem.

Na primeira parte, “Mata”, a trajetória dos capítulos é estruturada a partir da história de vida de Schama. A mata lituana inaugura a descrição e o argumento central é o de que “não havendo uma forma mais direta de expressão política, a história natural teve de substituir a história nacional para preservar a herança lituano-polonesa”. (SCHAMA, 1996, p.58). Em seguida, a floresta Hercínia



ou Floresta Negra Alemã é simbolicamente interpretada e a denúncia da relação do nazismo com a imagem da floresta é o fio condutor deste capítulo. Obras como a *Germânia* de Tácito do século I d.C. e os quadros do nacionalista Caspar David Friedrich são referências importantes para a construção da identidade germânica enraizada na floresta e Schama (1996) ocupa-se de descortinar essa relação entre arte e nacionalismo na Alemanha. O terceiro capítulo aborda as matas inglesas e o mito de Robin Hood, assim como o simbolismo do carvalho inglês, que é amplamente explorado na argumentação. O último capítulo dessa parte prioriza a sacralização das Grandes Árvores (Grandes Sequóias) de *Yosemite Valley* na Califórnia, consideradas como “[...] dádiva do Criador a seu novo Povo Eleito” (SCHAMA, 1996, p.198). Destaca-se que Yosemite Valley tornou-se a primeira “reserva natural” do mundo, criada por Abraham Lincoln em 1864, fortalecendo e reafirmando o conteúdo recebido por essas árvores: a imagem simbólica da grandiosidade nacional, o destino manifesto dos EUA.

Na segunda parte, “Água”, o mito de Ísis e Osíris, em que o Rio Nilo é a centralidade, é explorado como um mito inaugural para muitos outros que iriam se constituir na Europa, sobretudo no Império Romano e na Idade Média católica. As fontes de água construídas em espaços públicos, principalmente na atual Itália, são expressões das relações entre a cosmologia pagã e a cristã, uma se sobrepondo à outra, sem uma negação total. As fontes de Bernini representam rios-deuses e as “confluências sagradas” entre eles. Os rios como “correntes sanguíneas” do povo são temas do segundo capítulo dessa parte e o rio Tâmisa é o grande destaque dessa simbologia. Turner, pintor por quem Schama expressa admiração, “manipula paisagens fluviais” e explora o reflexo narcísico do rio para romantizar e espetacularizar a concepção da “Inglaterra imortal deitada à beira do rio” (SCHAMA, 1996, p.363).



Na parte da obra que se refere à rocha, a paisagem é interpretada em um conjunto geomorfológico, pois o relevo é sempre a referência simbólica e não a rocha (a geologia) em si. O monte Rushmore, localizado em Dakota do Sul, com a cara estampada de quatro presidentes estadunidenses – George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt, Abraham Lincoln – é o tema que inaugura a terceira parte, “Rocha”. As histórias de vida do escultor, Gutzon Borglum, que integrava o Ku Klux Kan e a luta de uma feminista, Rose Powell, para que fosse esculpida o rosto de outra feminista nesse monte, Susan Anthony (que conquistou o sufrágio feminino nos EUA) são detalhadas nesse capítulo. Para Schama (1996, p. 398), “transformar uma montanha em cabeça humana é, talvez, a colonização mais definitiva da natureza pela cultura, a metamorfose da paisagem em obra do homem”. Outros conjuntos de relevo, sobretudo os Alpes e, em especial, o Mont Blanc; as aventuras alpinistas; assim como montes sagrados como Sinai, Calvário, Sião, Horeb, Verna e as peregrinações religiosas são substanciais no debate dessa parte da obra.

Na quarta e última parte do livro, o autor escolhe o Mito da Arcádia como representação simbólica da reunião entre “mata”, “água” e “rocha”. Schama ressalta dois mitos da Arcádia: o mito selvagem, o primeiro e o mito bucólico, já num processo de reinvenção do próprio mito inaugural. Mas ele será categórico ao afirmar que ambos são fruto da imaginação urbana. O parque da Floresta de Fontainebleau na França e o Central Park em Nova Iorque ilustram como esses mitos inspiraram a construção de jardins e parques ainda apropriados na contemporaneidade.

O livro *Paisagem e Memória* é bastante denso e detalhista em seus argumentos e, por isso, o autor gasta 645 páginas para debatê-los. Ao mesmo tempo, a linguagem é acessível e articulada e o leitor tem uma boa fluência durante a leitura. Ao final, Schama (1996) oferece ao leitor um guia bibliográfico para quem se interessar pela temática, revelando, ao mesmo tempo, as suas próprias



referências bibliográficas. Trata-se de um livro rico que explora a força da memória ao ser reconstituída no presente e a força da imagem a partir do olhar do autor. O autor nos convida à leitura: "É uma viagem adorável por espaços e lugares, com os olhos bem abertos" (SCHAMA, 1996, p.30).





**Obra em análise:**

Schama, S. **Landscape and Memory**. Alfred A. Knopf, New York, 1995. 652 p.

